

RETRATOS DA MARGEM: A CONSTRUÇÃO DE *FILHO DO TRÁFICO* ENTRE GALERIA E RUA

ÀRLESON RENATO LUZ COSTA¹; RICARDO HENRIQUE AYRES ALVES ²

¹Universidade Federal de Pelotas – arleson-@live.com

²Univerisdade Federal de Pelotas – ricardohaa@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O processo de criação da obra *Filho do Tráfico* (2024) parte de uma reflexão sobre as dinâmicas de paternidade e vulnerabilidade social nas periferias urbanas. O trabalho consiste em uma fotografia já existente, que foi apropriada e posteriormente ampliada, e fixada por meio de lambe tanto no espaço público da cidade de Pelotas e quanto na galeria do Laboratório Experimental de Montagem de Exposições (LEME), mantido em parceria pelas unidades acadêmicas IFISP e CA da UFPel. A prática fotográfica aqui é analisada tanto como uma documentação das realidades periféricas quanto como um dispositivo artístico que subverte as estruturas hegemônicas da arte (ALVES, 2020). Geoffrey Batchen (2017) discute a multiplicidade de práticas fotográficas, destacando a apropriação de imagens não artísticas no campo da arte, algo que a obra *Filho do Tráfico* exemplifica ao utilizar uma fotografia cotidiana e ampliá-la para causar um impacto visual mais profundo. Este estudo também se apoia na teoria de Roland Barthes (2012), que reflete sobre a fotografia como espelho do real, um elemento importante ao considerar o contexto documental da obra.

O percurso criativo da obra *Filho do Tráfico* revela um diálogo contínuo entre o ato de fotografar e o processo de transformação dessa imagem em algo mais que um mero documento. A digitalização e a ampliação da fotografia para gerar o lambe cria uma estética que busca o impacto visual, ao mesmo tempo que se conecta às práticas artísticas contemporâneas que exploram a tensão entre arte e vida. O processo de criação envolveu a reflexão sobre como a paternidade e a vulnerabilidade, temas centrais da obra, poderiam ser visualmente traduzidos em uma linguagem provocativa. A utilização da ampliação não apenas reforça a presença da figura retratada, mas também insere a obra dentro de um contexto de arte pública, onde o espaço expositivo se funde com a experiência das ruas.

Além disso, a obra foi parte integrante da exposição *Carta ao Pai*, realizada na galeria do Leme, no Campus Porto da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), entre os dias 16 e 30 de agosto de 2024. *Carta ao Pai* reuniu diversas produções artísticas que abordavam as múltiplas formas de relações paternas, com trabalhos de outros artistas, como Alessandro Flores, André Dias, Pablo Escobar, Pedro Parente e Ricardo Ayres. A exposição serviu como um espaço de reflexão sobre as diversas formas de relação entre relação paterna em diferentes contextos, e a obra *Filho do Tráfico* captou e amplificou essa temática através da fotografia como linguagem visual.

Essa obra não apenas reflete sobre a realidade social das periferias, mas também questiona o papel da arte como meio de resistência. Ao utilizar a fotografia ampliada em lambe, *Filho do Tráfico* explora as fronteiras entre a documentação e a criação artística, oferecendo ao público uma experiência visual que remete a um boteco de comunidade nas periferias dos anos 2000. Essa abordagem desafia as normas expositivas tradicionais e gera uma interação direta com o espaço urbano,

transportando o espectador para o cotidiano da periferia do capitalismo, resgatando memórias e sentimentos dessa época.

2. METODOLOGIA

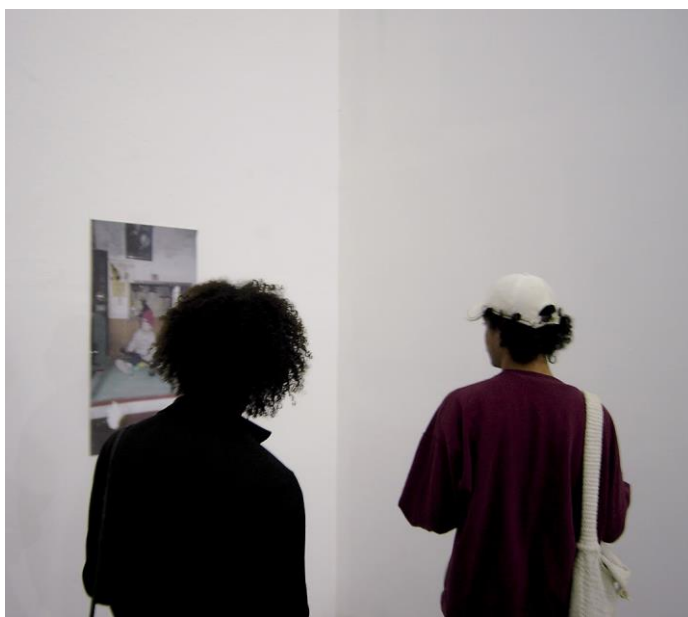
A obra *Filho do Tráfico* foi criada a partir de uma reflexão do artista sobre a paternidade em contextos de vulnerabilidade social, capturando a essência do cotidiano em um boteco comunitário dos anos 2000. A escolha da foto analógica, que retrata infância e paternidade, reflete a vivência desse ambiente. A fotografia foi digitalizada e ampliada para 60 x 84 cm e impressa em uma folha sulfite, para potencializar o impacto visual.

Como aluno especial na disciplina de Introdução à Arte Contemporânea, ministrada pelo orientador deste trabalho, o artista foi influenciado pelos debates sobre a relação entre arte e vida. O processo criativo também envolveu o diálogo com os outros artistas da mostra e com a pesquisadora Letícia Abreu, que escreveu o texto da exposição Carta ao Pai. A obra foi exposta tanto na galeria do LEME quanto nas ruas, em lambes, conectando o espaço público com o expositivo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO



(Foto 01: Imagem da Obra)



(Foto 02: Registro de André Dias, inauguração da exposição)

A obra *Filho do Tráfico* oferece uma narrativa visual que se situa entre o explícito e o implícito, capturando uma cena rica em camadas de significado que convidam o espectador a entrar em um espaço e tempo específicos. A fotografia, ampliada e transformada em lambe, cria uma ponte entre o espaço privado e o público ao ser exposta tanto nas ruas quanto na galeria. Este deslocamento do registro íntimo para o âmbito público reforça a dualidade entre o que a imagem mostra – a infância no contexto do boteco periférico – e o que ela apenas sugere – o ambiente de sobrevivência e as dinâmicas do tráfico e o vício em drogas como pano de fundo.

No centro da imagem, uma criança está sentada sobre uma mesa de sinuca, com suas marcas de uso é mais do que um objeto de lazer; ela é um palco de encontros, trocas e disputas simbólicas. É nesse cenário que infância e paternidade

se encontram e se misturam, onde o jogo e a negociação de papéis sociais se fundem. A presença da criança em cima da mesa de sinuca, com um copo à sua frente e um cinzeiro próximo; uma infância que convive naturalmente com elementos desse universo. Contudo, há também o que é sugerido – uma socialização em um espaço onde as dinâmicas da rua e do bar se entrelaçam, onde o lúdico e o perigo estão apenas a um passo de distância.

Visualmente, a fotografia situa o observador em um bar periférico típico dos anos 2000, com sua estética simples e despojada. O cartaz da cerveja Itaipava, anunciando a bebida a 1 real, e o quadro de São Jorge ao fundo são marcos temporais e culturais que remetem ao cotidiano de comunidades em que religião e proteção espiritual se tornam símbolos de resistência. São Jorge, o santo guerreiro, sincretizado com Ogum, está ali como uma figura de proteção que transcende o ambiente modesto e marginalizado do bar.

A figura da criança, cercada por bolas de bilhar e tacos, contrasta com os elementos que a rodeiam. Seu gorro vermelho, que chama a atenção do espectador, e sua expressão de seriedade em meio ao cenário reforçam a ambiguidade da imagem: é uma cena de infância, mas também um testemunho da convivência no contexto de socialização nas periferias do capitalismo. A criança, posicionada no centro da imagem e em cima da mesa de sinuca, se torna um símbolo de adaptação e resistência, alguém que, desde cedo, é parte integrante e protagonista desse espaço.

Ao fundo, a presença quase oculta do pai da criança, atrás do balcão, acrescenta uma dimensão narrativa importante. Ele é o responsável por esse espaço e, ao mesmo tempo, uma figura paterna que observa à distância, sem uma interação explícita com a criança. Como discutido por Gabriel Feltran (2018), as figuras associadas ao tráfico nas periferias frequentemente desempenham papéis que vão além do tráfico em si; eles são também provedores, protetores e lideranças comunitárias que cuidam de suas famílias e comunidade, mesmo que de forma ambígua. A fotografia não revela seu papel como traficante; esse aspecto permanece implícito, parte de uma narrativa que o espectador é convidado a interpretar.

A ambiguidade apresentada na imagem é intencional. O que a foto ‘diz’ visualmente é a convivência cotidiana em um espaço periférico, onde a linha entre infância e vida adulta é quase inexistente. Porém, o que a foto ‘não diz’ é igualmente significativa, o ambiente do bar e o contexto de tráfico permanecem no plano do não-dito. Barthes (2012) nos lembra que a fotografia carrega o impacto do ‘isto foi’ – uma evidência inegável do que existiu – mas, em *Filho do Tráfico*, esse ‘isto foi’ não entrega toda a história, deixando lacunas que o espectador deve preencher, afinal, quem é essa criança e em que contexto estamos.

A imagem, assim, constrói um espaço discursivo onde lícito e o ilícito, o familiar e o estranho, o infantil e o adulto coexistem em tensão. Ao olhar a criança sobre a mesa de sinuca, o observador pode sentir o impacto do *punctum* barthesiano, o detalhe que toca e desperta uma conexão pessoal. Esse *punctum* pode ser o copo vazio, o cinzeiro, o olhar do pai ao fundo ou até mesmo o quadro de São Jorge – todos elementos que contam algo sobre a cena, mas também escondem uma parte significativa. A imagem sugere uma infância que, embora envolta em afeto e proteção, é igualmente marcada pela presença invisível das dinâmicas de sobrevivência periféricas.

A obra *Filho do Tráfico*, ao transitar entre a rua e a galeria, explora a conexão entre o espaço urbano e o ambiente expositivo, uma abordagem que se alinha ao conceito de *site-specific* discutido por Miwon Kwon (2008). Ao ser exibida na galeria

do LEME como parte da exposição Carta ao Pai e, posteriormente, como lambe nas ruas, a obra expande a discussão sobre o papel da arte em refletir e amplificar as experiências da vida periférica.

Nas ruas, a obra se integra naturalmente ao espaço público, inserindo-se no cotidiano e promovendo uma interação direta e espontânea. O lambe, como técnica visual, se mistura com os elementos urbanos, permitindo que a imagem seja vista e interpretada como parte do ambiente natural da periferia. Esse deslocamento da galeria para a rua transforma a imagem em um fragmento do cotidiano. Aqui, a obra dialoga com a vida urbana e sem mediações institucionais. No espaço da galeria, *Filho do Tráfico* ganha a camada de interpretação da temática da exposição. A galeria proporciona um espaço de contemplação, onde a obra não é apenas um reflexo do cotidiano, mas também uma provocação sobre a invisibilidade das dinâmicas paternas nas periferias.

4. CONCLUSÕES

A obra *Filho do Tráfico* sintetiza uma narrativa visual onde o retrato familiar e torna um espaço de exposição do artista, uma reflexão pública sobre as raízes e vivências que moldaram tanto a infância quanto o caminho acadêmico e artístico. Ao partir de uma fotografia de infância, o processo de ampliação e transformação em lambe desafia a linha entre documento e arte, mas também revela, no espaço público e na galeria, um percurso pessoal de regate e exposição das condições sociais que formaram a criança em meio à complexidade das periferias do capitalismo.

Ao expor essa imagem nas ruas, *Filho do Tráfico* estabelece um diálogo imediato com o urbano, evocando a familiaridade de quem reconhece essas cenas. Já na galeria, a obra cria o distanciamento que permite ao público observar as nuances de uma infância marcada pelo entorno social. Assim, a obra é um convite para que o espectador reconheça o contexto e percurso – uma criança que, socializada nas dinâmicas periféricas, transformou essas vivências na base de sua expressão artística e acadêmica, um diálogo com seu próprio passado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, R. **A Câmara Clara**: Nota sobre Fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BATCHEN, G. *Fotografia e a Prática da História*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007.

FELTRAN, G. **Irmãos**: Uma História do PCC. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

KWON, M. Um Lugar Após o Outro: Notas sobre a Arte Site-specific. **Revista Arte e Ensaios**, Rio de Janeiro, v.3, n.1, p. 35-51, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/52124>. Acesso em: 07 out. 2024.

ALVES, R. H. A Fotografia e as Fotografias no Projeto Lomba do Pinheiro. **Revista Científica/FAP**, Curitiba, v.23, n.2, p. 310-324, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/revistacientifica/article/view/3709>. Acesso em: 07 out. 2024.